



As deportações iníquas e as detenções arbitrárias

A trágica notícia que anteontem publicámos sobre a morte de mais um deportado e a grave doença que acometeu José Gomes Pereira causou uma profunda impressão nos nossos leitores.

Urge que se acabe com o martírio desse punhado de homens que foram colocados fora da lei e fora da humanidade por um simples capricho policial.

E' tal o sofrimento moral dos deportados que um já enlouqueceu. Para se chegar à loucura, calcula-se quanta dor, quanta amargura não teriam sido necessárias.

Os outros deportados estão condenados às mesmas fatalidades — à loucura ou à morte. E porquê? Que delitos praticaram esses homens? Quais são as suas culpas? Que crimes estão eles expiando?

Não se sabe. Aqueles homens foram condenados a uma bárbara sentença, que nenhum tribunal pronunciou, porque constava, porque se dizia que tinham praticado actos de violência merecedores de punição.

Um simples boato, portanto, uma nota da polícia, um cadastro do governo civil bastaria para arremessar qualquer pessoa para a costa de África.

Não sabemos para que servem esses luxos de tribunais, magistrados, juízes, etc. O Estado está gastando dinheiro inutilmente. Se ele prescindir tão facilmente dos tribunais para que os sustenta?

Ninguém está hoje livre em Portugal de ser um dia arrancado aos seus, ao lar, à companhia da mulher estremosa, dos filhos queridos — e atirado para a Guiné, com o distico de "legionário vermelho".

Os deportados são os primeiros a querer comparecer perante os tribunais. Querem ser julgados, em condições absolutamente normais, em harmonias com os seus direitos de cidadão.

A actual situação é que não pode nem deve manter-se.

Merce igualmente a nossa repulsa o que se está passando em Lisboa, por essas esquadras. Há cinco meses que se encontram presos vários operários, sem culpa formada. Eles querem ser postos em liberdade ou irem aos tribunais. Assim, como estão, nesta falsa situação, nesta iníqua situação, não podem continuar. E' vergonhosa para o regime e é vergonhosa para quem a consente com o seu silêncio.

As autoridades a quem compete fazer respeitar a lei, são as primeiras a esquecer-la e a afrontá-la com actos revoltantes como estes das deportações e das prisões arbitrárias.

Ninguém que tenha consciência e culto pela Justiça pode manter-se indiferente perante o que se está passando. Estes abusos repugnantes de autoridade devem ser combatidos para que não se transformem em perniciosos hábitos, para que este país não se torne num feudo de meia dúzia de cavalheiros sem consciência.

O NOSSO ALMANAQUE PARA 1926

A Secção Editorial de A Batalha, prosseguindo a obra que vem realizando de divulgação sociológica para fazer despertar as consciências com a aquisição de um ideal de emancipação intelectual, vai apresentar no presente ano, ao público que a favorece, o seu primeiro Almanaque que será uma seleção de trabalhos de carácter ameno e instrutivo e de tendência marcadamente libertadora, e um repositorio de informações e indicações de imprecindível utilidade para todos os sindicados e organismos operários.

O nosso Almanaque levará uma bonita capa e será enriquecido com várias ilustrações. Esmeradamente impresso formará um tomo de umas 160 páginas. O seu preço será de cinco escudos cada exemplar.

O Almanaque de «A Batalha» para 1926 será posto à venda entre 10 e 20 de proximo mês de dezembro. Pedimos aos camaradas o favor de sobrestar a compra de qualquer outro almanaque, pois o nosso não desmerecerá no confronto com as melhores publicações do gênero.

O plano Dawes

PARIS, 26.—O sr. Caillaux no seu discurso pronunciado ontem em Chateau Loire, fez a afirmação de que dentro de poucos meses estaria feito um acordo com os Estados Unidos e Inglaterra sobre a regularização da dívida e que as somas necessárias para o pagamento seriam as previstas no plano de Dawes.

O ministro das Finanças defendeu depois

A "festa dos mercados" foi a apoteose à carestia da vida

A Festa dos Mercados foi uma deplorável ideia dum jornal. Caiu no ridículo, falando assim desastrosamente. A ideia não foi feliz, a sua realização não poderia, portanto, ter constituido um triunfo.

A população dos mercados é antipática à

população. Oriunda, quasi toda ela das províncias, desabou sobre Lisboa com a preocupaçao ruinosa para os que morejam de

que isto é uma cidade onde facilmente, desde que se ponham escrúpulos de banda,

se arranca a pele do semelhante.

Essa população de vendedores e de vendeiras é, na sua maioria, insolente e agressiva. A mulher — a que não é dum banqueiro — que vai ao mercado, defendendo-se com economia dentro dos seus limitados recursos, com a preocupação de não desequilibrar seu modestíssimo orçamento, é diariamente insultada. Ou se submete, sem recalcitar, à ganância ferros das vendedeiras ou é por elas ofendida com expressões tão grosseiras, tão pornográficas que fariam corar o homem mais familiarizado com aquela gente. Toda a consideração é dispensada para os consumidores ricos, que vivem das mais variadas batatas e dos mais torpes expedientes, porque esses pagam os produtos por todo o preço, numa grande indiferença por um dinheiro que nem sequer lhes custou a roubar.

Porque motivo a cidade poderia simpatizar com a mais insolente e malcriada troupe dos que a exploram? Ninguém gosta de ser roubado, e, ainda por cima, insultado. Daqui se infere uma antipatia instintiva que nenhum fantochado mirabolante, como essa Festa dos Mercados, conseguisse anular.

Se a população as não estima, elas também não estimam a população, cujos hábitos não compreendem. A vendedeira, na maioria dos casos, não tem o culto nem sequer o hábito da higiene. Nada, que o saibam, é caro e não se rouba todo o dinheiro que se deseja, porque a população vítima de mil explorações, recalca por não poder dar-lhes tudo o que elas lhe pedem.

O culto da educação também não existe. O pudor não está nem nas suas maneiras, nem na sua linguagem. O seu único ideal, a sua única preocupação, é o oiro. Com os cordões, as medalhas, as arrecadas, as libras e os brincos que existem no bairro da Esperança montar-se-iam 20 ourivesarias. Se a população as não estima, elas também não compreendem. A vendedeira, na maioria dos casos, não tem o culto nem sequer o hábito da higiene. Nada, que o saibam, é caro e não se rouba todo o dinheiro que se deseja, porque a população vítima de mil explorações, recalca por não poder dar-lhes tudo o que elas lhe pedem.

O culto da educação também não existe. O pudor não está nem nas suas maneiras, nem na sua linguagem. O seu único ideal, a sua única preocupação, é o oiro. Com os cordões, as medalhas, as arrecadas, as libras e os brincos que existem no bairro da Esperança montar-se-iam 20 ourivesarias. Se a população as não estima, elas também não compreendem. A vendedeira, na maioria dos casos, não tem o culto nem sequer o hábito da higiene. Nada, que o saibam, é caro e não se rouba todo o dinheiro que se deseja, porque a população vítima de mil explorações, recalca por não poder dar-lhes tudo o que elas lhe pedem.

O culto da educação também não existe. O pudor não está nem nas suas maneiras, nem na sua linguagem. O seu único ideal, a sua única preocupação, é o oiro. Com os cordões, as medalhas, as arrecadas, as libras e os brincos que existem no bairro da Esperança montar-se-iam 20 ourivesarias. Se a população as não estima, elas também não compreendem. A vendedeira, na maioria dos casos, não tem o culto nem sequer o hábito da higiene. Nada, que o saibam, é caro e não se rouba todo o dinheiro que se deseja, porque a população vítima de mil explorações, recalca por não poder dar-lhes tudo o que elas lhe pedem.

O culto da educação também não existe. O pudor não está nem nas suas maneiras, nem na sua linguagem. O seu único ideal, a sua única preocupação, é o oiro. Com os cordões, as medalhas, as arrecadas, as libras e os brincos que existem no bairro da Esperança montar-se-iam 20 ourivesarias. Se a população as não estima, elas também não compreendem. A vendedeira, na maioria dos casos, não tem o culto nem sequer o hábito da higiene. Nada, que o saibam, é caro e não se rouba todo o dinheiro que se deseja, porque a população vítima de mil explorações, recalca por não poder dar-lhes tudo o que elas lhe pedem.

O culto da educação também não existe. O pudor não está nem nas suas maneiras, nem na sua linguagem. O seu único ideal, a sua única preocupação, é o oiro. Com os cordões, as medalhas, as arrecadas, as libras e os brincos que existem no bairro da Esperança montar-se-iam 20 ourivesarias. Se a população as não estima, elas também não compreendem. A vendedeira, na maioria dos casos, não tem o culto nem sequer o hábito da higiene. Nada, que o saibam, é caro e não se rouba todo o dinheiro que se deseja, porque a população vítima de mil explorações, recalca por não poder dar-lhes tudo o que elas lhe pedem.

O culto da educação também não existe. O pudor não está nem nas suas maneiras, nem na sua linguagem. O seu único ideal, a sua única preocupação, é o oiro. Com os cordões, as medalhas, as arrecadas, as libras e os brincos que existem no bairro da Esperança montar-se-iam 20 ourivesarias. Se a população as não estima, elas também não compreendem. A vendedeira, na maioria dos casos, não tem o culto nem sequer o hábito da higiene. Nada, que o saibam, é caro e não se rouba todo o dinheiro que se deseja, porque a população vítima de mil explorações, recalca por não poder dar-lhes tudo o que elas lhe pedem.

O culto da educação também não existe. O pudor não está nem nas suas maneiras, nem na sua linguagem. O seu único ideal, a sua única preocupação, é o oiro. Com os cordões, as medalhas, as arrecadas, as libras e os brincos que existem no bairro da Esperança montar-se-iam 20 ourivesarias. Se a população as não estima, elas também não compreendem. A vendedeira, na maioria dos casos, não tem o culto nem sequer o hábito da higiene. Nada, que o saibam, é caro e não se rouba todo o dinheiro que se deseja, porque a população vítima de mil explorações, recalca por não poder dar-lhes tudo o que elas lhe pedem.

O culto da educação também não existe. O pudor não está nem nas suas maneiras, nem na sua linguagem. O seu único ideal, a sua única preocupação, é o oiro. Com os cordões, as medalhas, as arrecadas, as libras e os brincos que existem no bairro da Esperança montar-se-iam 20 ourivesarias. Se a população as não estima, elas também não compreendem. A vendedeira, na maioria dos casos, não tem o culto nem sequer o hábito da higiene. Nada, que o saibam, é caro e não se rouba todo o dinheiro que se deseja, porque a população vítima de mil explorações, recalca por não poder dar-lhes tudo o que elas lhe pedem.

O culto da educação também não existe. O pudor não está nem nas suas maneiras, nem na sua linguagem. O seu único ideal, a sua única preocupação, é o oiro. Com os cordões, as medalhas, as arrecadas, as libras e os brincos que existem no bairro da Esperança montar-se-iam 20 ourivesarias. Se a população as não estima, elas também não compreendem. A vendedeira, na maioria dos casos, não tem o culto nem sequer o hábito da higiene. Nada, que o saibam, é caro e não se rouba todo o dinheiro que se deseja, porque a população vítima de mil explorações, recalca por não poder dar-lhes tudo o que elas lhe pedem.

O culto da educação também não existe. O pudor não está nem nas suas maneiras, nem na sua linguagem. O seu único ideal, a sua única preocupação, é o oiro. Com os cordões, as medalhas, as arrecadas, as libras e os brincos que existem no bairro da Esperança montar-se-iam 20 ourivesarias. Se a população as não estima, elas também não compreendem. A vendedeira, na maioria dos casos, não tem o culto nem sequer o hábito da higiene. Nada, que o saibam, é caro e não se rouba todo o dinheiro que se deseja, porque a população vítima de mil explorações, recalca por não poder dar-lhes tudo o que elas lhe pedem.

O culto da educação também não existe. O pudor não está nem nas suas maneiras, nem na sua linguagem. O seu único ideal, a sua única preocupação, é o oiro. Com os cordões, as medalhas, as arrecadas, as libras e os brincos que existem no bairro da Esperança montar-se-iam 20 ourivesarias. Se a população as não estima, elas também não compreendem. A vendedeira, na maioria dos casos, não tem o culto nem sequer o hábito da higiene. Nada, que o saibam, é caro e não se rouba todo o dinheiro que se deseja, porque a população vítima de mil explorações, recalca por não poder dar-lhes tudo o que elas lhe pedem.

O culto da educação também não existe. O pudor não está nem nas suas maneiras, nem na sua linguagem. O seu único ideal, a sua única preocupação, é o oiro. Com os cordões, as medalhas, as arrecadas, as libras e os brincos que existem no bairro da Esperança montar-se-iam 20 ourivesarias. Se a população as não estima, elas também não compreendem. A vendedeira, na maioria dos casos, não tem o culto nem sequer o hábito da higiene. Nada, que o saibam, é caro e não se rouba todo o dinheiro que se deseja, porque a população vítima de mil explorações, recalca por não poder dar-lhes tudo o que elas lhe pedem.

O culto da educação também não existe. O pudor não está nem nas suas maneiras, nem na sua linguagem. O seu único ideal, a sua única preocupação, é o oiro. Com os cordões, as medalhas, as arrecadas, as libras e os brincos que existem no bairro da Esperança montar-se-iam 20 ourivesarias. Se a população as não estima, elas também não compreendem. A vendedeira, na maioria dos casos, não tem o culto nem sequer o hábito da higiene. Nada, que o saibam, é caro e não se rouba todo o dinheiro que se deseja, porque a população vítima de mil explorações, recalca por não poder dar-lhes tudo o que elas lhe pedem.

O culto da educação também não existe. O pudor não está nem nas suas maneiras, nem na sua linguagem. O seu único ideal, a sua única preocupação, é o oiro. Com os cordões, as medalhas, as arrecadas, as libras e os brincos que existem no bairro da Esperança montar-se-iam 20 ourivesarias. Se a população as não estima, elas também não compreendem. A vendedeira, na maioria dos casos, não tem o culto nem sequer o hábito da higiene. Nada, que o saibam, é caro e não se rouba todo o dinheiro que se deseja, porque a população vítima de mil explorações, recalca por não poder dar-lhes tudo o que elas lhe pedem.

O culto da educação também não existe. O pudor não está nem nas suas maneiras, nem na sua linguagem. O seu único ideal, a sua única preocupação, é o oiro. Com os cordões, as medalhas, as arrecadas, as libras e os brincos que existem no bairro da Esperança montar-se-iam 20 ourivesarias. Se a população as não estima, elas também não compreendem. A vendedeira, na maioria dos casos, não tem o culto nem sequer o hábito da higiene. Nada, que o saibam, é caro e não se rouba todo o dinheiro que se deseja, porque a população vítima de mil explorações, recalca por não poder dar-lhes tudo o que elas lhe pedem.

O culto da educação também não existe. O pudor não está nem nas suas maneiras, nem na sua linguagem. O seu único ideal, a sua única preocupação, é o oiro. Com os cordões, as medalhas, as arrecadas, as libras e os brincos que existem no bairro da Esperança montar-se-iam 20 ourivesarias. Se a população as não estima, elas também não compreendem. A vendedeira, na maioria dos casos, não tem o culto nem sequer o hábito da higiene. Nada, que o saibam, é caro e não se rouba todo o dinheiro que se deseja, porque a população vítima de mil explorações, recalca por não poder dar-lhes tudo o que elas lhe pedem.

O culto da educação também não existe. O pudor não está nem nas suas maneiras, nem na sua linguagem. O seu único ideal, a sua única preocupação, é o oiro. Com os cordões, as medalhas, as arrecadas, as libras e os brincos que existem no bairro da Esperança montar-se-iam 20 ourivesarias. Se a população as não estima, elas também não compreendem. A vendedeira, na maioria dos casos, não tem o culto nem sequer o hábito da higiene. Nada, que o saibam, é caro e não se rouba todo o dinheiro que se deseja, porque a população vítima de mil explorações, recalca por não poder dar-lhes tudo o que elas lhe pedem.

O culto da educação também não existe. O pudor não está nem nas suas maneiras, nem na sua linguagem. O seu único ideal, a sua única preocupação, é o oiro. Com os cordões, as medalhas, as arrecadas, as libras e os brincos que existem no bairro da Esperança montar-se-iam 20 ourivesarias. Se a população as não estima, elas também não compreendem. A vendedeira, na maioria dos casos, não tem o culto nem sequer o hábito da higiene. Nada, que o saibam, é caro e não se rouba todo o dinheiro que se deseja, porque a população vítima de mil explorações, recalca por não poder dar-lhes tudo o que elas lhe pedem.

O culto da educação também não existe. O pudor não está nem nas suas maneiras, nem na sua linguagem. O seu único ideal, a sua única preocupação, é o oiro. Com os cordões, as medalhas, as arrecadas, as libras e os brincos que existem no bairro da Esperança montar-se-iam 20 ourivesarias. Se a população as não estima, elas também não compreendem. A vendedeira, na maioria dos casos, não tem o culto nem sequer o hábito da higiene. Nada, que o saibam, é caro e não se rouba todo o dinheiro que se deseja, porque a população vítima de mil explorações, recalca por não poder dar-lhes tudo o que elas lhe pedem.

O culto da educação também não existe. O pudor não está nem nas suas maneiras, nem na sua linguagem. O seu único ideal, a sua única preocupação, é o oiro. Com os cordões, as medalhas, as arrecadas, as libras e os brincos que existem no bairro da Esperança montar-se-iam 20 ourivesarias. Se a população as não estima, elas também não compreendem. A vendedeira, na maioria dos casos, não tem o culto nem sequer o hábito da higiene. Nada, que o saibam, é caro e não se rouba todo o dinheiro que se deseja, porque a população vítima de mil explorações, recalca por não poder dar-lhes tudo o que elas lhe pedem.

O culto da educação também não existe. O pudor não está nem nas suas maneiras, nem na sua linguagem. O seu único ideal, a sua única preocupação, é o oiro. Com os cordões, as medalhas, as arrecadas, as libras e os brincos que existem no bairro da Esperança montar-se-iam 20 ourivesarias. Se a população as não estima, elas também não compreendem. A vendedeira, na maioria dos casos, não tem o culto nem sequer o hábito da higiene. Nada, que o saibam, é caro e não se rouba todo o dinheiro que

As medidas do governo português para atenuar a crise de trabalho

O governo inglês, segundo referia há dias a imprensa, subordiou 1.247.653 desempregados, evitando assim que as famílias daqueles operários ficassem privadas do mais indispensável à existência.

E não é tudo. Não só os subsídios como ainda lhes vai arranjo colocação, obrigando os industriais produzir. Isto é um governo conservador.

Em Portugal, o governo, que se diz democrático, faz exatamente o contrário.

Enquanto o inglês sabe semanalmente o número exacto dos desempregados, por intermédio das Bólicas de Trabalho, o português não se importa com isso, pois só lhe interessam os assuntos políticos.

Há crise no ramo comercial, onde estão deslocados para cima de mil empregados! Bem. Para solucionar fecha-se os Armazéns Reguladores (?) e são despedidos todos os seus empregados, desde os gerentes aos moços.

Há crise na indústria gráfica? Tanto melhor. Por intermédio dos seus representantes, coloca nas tipografias os internados da Tutoria da Infância.

Há crise nas outras classes. Que importa ao governo isso!

E já que falei na Tutoria, vou contar-vos um caso que ali se vê passando.

Na rua Eugénio Santos, 118, 3., existe uma tipografia que pertence aos frades dominicanos, que usa o título de tipografia Inglesa. Para as indústrias tóxicas como a fábrica foi aprovada uma lei que regula e protege as mulheres e os menores. Por ela é proibida a entrada de mulheres (menores) para as indústrias que tenham por base o chumbo, pelo veneno que produz.

No Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal para se defender essas criaturas foi aprovada uma tese na qual se nega a entrada a mulheres como compositoras.

Nesta tipografia, foi preciso meter pessoal e sabem os camaradas o que fizeram, existindo bastantes desempregados? Foi o seguinte: Dirigiram-se ao governo democrático e, por intermédio dos seus representantes, conseguiram que duas raparigas da Tutoria da Infância fossem para ali trabalhar, uma como compositora e outra como encadernadora que nas horas vagas aprende a compor. Estas pequenas são obrigadas a ouvir missas todos os dias e a noite recolhem àquela casa de caridade, para voltarem no dia seguinte. Como vêem é o próprio governo que não cumpre as suas leis.

Mas não fica por aqui. Como já disse, há crise na classe tipográfica. E sabem como o governo a solucionou? Mandando que todos os dias se façam duas horas de serão na Imprensa Nacional, em vez de serem admitidos ali os desempregados, e procedendo por esta forma vinha a lucrar, pois, em conformidade com a lei, os serões são pagos pela dobra, do salário!

E assim que o governo democrático olha pelos desempregados...

E. CARVALHO
Tipógrafo sindical

Aos nossos correspondentes

AVISO IMPORTANTE

Para boa regularização dos serviços do nosso jornal e maior facilidade no desempenho da missão dos nossos preeados colaboradores, resolvemos substituir os velhos cartões de correspondente por uns cartões novos, que terão apostos a um canto a reduplicativa fotografia, reconhecida pela nossa chancela. Os novos cartões são revogáveis de ano para ano e estes servirão para 1925-26.

Convém-nos fazer uma substituição imediata, pelo que solicitamos aos nossos colaboradores e amigos se dignem enviar-nos os antigos cartões, acompanhados de duas fotografias pequenas, das quais uma ficará para um registo indispensável ao nosso serviço e a outra voltará, como atras referimos, colada no cartão.

Qual pedido fazemos aos camaradas que se nos ofereceram para novos correspondentes.

Esperando da atenção de todos a satisfação imediata desta impreverível necessidade, saúda-vos

A DIREÇÃO

INSTRUÇÃO

Novo ano lectivo da Associação dos Caixeiros de Lisboa

A Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa, continuando no desempenho da sua missão instrutiva e educativa que tanto a nobreza, abriu em Novembro o novo ano lectivo. Além da aula de instrução primária imprescindível como base para o máximo aproveitamento de maiores estudos, a Associação mantem um curso comercial composto de aulas de contabilidade, escrituração, e línguas. As matrículas continuam abertas até dia trinta do corrente.

Escola da Construção Civil

Para assuntos que se prendem com a manutenção da escola, refine hoje a Comissão Escolar, pelas 21 horas.

Mais um triunfo das esquerdas...

BERNE, 26.—As eleições para o conselho do Estado e para o conselho nacional deram alguns lugares aos socialistas em detrimento dos partidos burgueses.

sardinhas que os honrados industriais haviam de enviar; mas não o fizeram.

Encomendou-se-lhes para Angola uma grande partida de macarrão. Vimo-lo-nos: Eraram pastas de massa podre que teve de ser lançada ao mar na baía de Mossamedes. Centenares de caixotes foram inutilizados, e os honrados fornecedores receberam o dinheiro que, provavelmente, foram depositados nos bancos ingleses.

Essa história dos fornecimentos para as zonas de guerra foi uma das maiores vergonhas para o nosso país; e, ainda hoje, o nosso comércio de exportação se está ressentindo das potreiras que foram enviadas para os campos de batalha, para a vista de estrangeiros que devem ter ficado bem impressionados da seriedade do nosso alto comando!

Mas isto ainda não é tudo. Deixemos para amanhã o resto desta pequena autópsia ao arraçado do sr. Carlos de Oliveira a que o «*eclo*» chama «brilhante concreta»

Serra FRAZÃO

Morreu o sindicalista francês Merrheim

Morreu Afonso Merrheim, um dos militares mais conhecidos do movimento sindical francês.

Os vinte anos, fôra nomeado secretário do Sindicato dos Caldeireiros de Roubaix. Alguns anos mais tarde era secretário da Bólica de Trabalho desta cidade industrial. Em 1905, Merrheim foi ocupar, na Federação Metalúrgica, o posto de secretário, que conservou até Junho de 1923, data em que a doença o obrigou a afastar-se da vida sindical.

O operário dos Arcos de Val-de-Vez tinha alugado um automóvel para ir a Ponte do Lima buscar os delegados.

Como nunciava a Arcos de Val-de-Vez fôra nomeado delegado operário em missão de propaganda sindicalista, os delegados da Federação da Construção Civil (secção do norte) que para aquela terra partiram a espalhar a sementeira dos sãos princípios de renovação social, foram recebidos festivamente: no ar estrelaram os foguetes quando foi presentada a chegada dos referidos delegados.

O operário dos Arcos de Val-de-Vez tinha alugado um automóvel para ir a Ponte do Lima buscar os delegados.

Como, porém, estes chegaram mais cedo do que se esperava, tiveram de se servir de um *char-a-bancos*.

A Associação da Construção Civil estava lindamente ornamentada com flores, as quais davam um aspecto artístico as paredes da sala sindical.

A sessão, um verdadeiro comício animadamente concorrido, abriu pelas 14 horas. Presidiu o camarada António José Martins, secretariado por José Maria Fernandes e Armando Pinto.

Depois de José Maria Fernandes ter, em breves palavras, felicitado a Federação da Construção Civil por ter tido a feliz lembrança de levar aos Arcos o salutar influjo revolucionário, é dada a palavra a José Ribeiro Dias, recebido com uma vibrante salva de palmas.

Principiando, em nome do proletariado da construção civil organizado, por saudar os trabalhadores arcoenses, disse a acção da organização operária no terreno das conquistas morais, profissionais e materiais que nos hão-de, paulatinamente, conduzir a uma sociedade de melhores dias, de mais liberdades políticas, económicas e sociais.

Refere-se, também, à actividade desenvolvida pela juventude sindicalista neste ingente prelúdio de emancipação humana, a cuja juventude pertence o seu companheiro de viagem ali presente.

Aconselhando os operários jovens dos Arcos de Val-de-Vez que a sigam o exemplo honroso dos seus camaradas do Porto, Ribeiro Dias declara que a juventude sindicalista, ou melhor: a organização juvenil, é uma excelente escola onde, não só se aprende a ser um bom camarada e militante, desprendendo-se de falsos convencionais e, portanto, libertando-se moral e espiritualmente—mas até a ser um bom filho, um bom esposo e um bom pai: eis o que é um filiado na juventude sindicalista.

Inácio Martins, igualmente recebido com uma salva de palmas, descreve, com vigor, o que foram os republicanos nos tempos saudosos da propaganda anti-brigantina e o que são hoje em plena desilusão dumha República crapulosa: bem prometeram e melhor, faltaram aos seus compromissos contrários perante a ingenuidade do proletariado escravizado.

Ataca, com virilidade, os políticos de todos os *nuances* e afirma que só livremente se podem os seus estudos precisar de livros. Infelizmente, há mais que se encontram em igual circunstância. E' em favor desses pequenos, que despertam para a vida, que vinhos hoje lançam um novo apelo aos leitores na esperança de que ele será recebido com a simpatia com que sempre são acolhidos os apelos de *A Batalha*.

Vamos apresentar, pela ordem de entrada dos pedidos, a relação de livros que caíram nos nossos estudantes:

Para o pequeno Rui Marques Teixeira, filho do manipulador de pão José Marques Teixeira, preso há cerca de três meses no governo civil: «Gramática», Ulisses Machado; «Corografia», Figueirinhas; «Ciências Naturais», Figueirinhas.

Para a pequena Hessa Helimann, filha da nossa camarada Júlia Cruz: «Livro de leitura da 3.ª classe», Bartholomeu Rita dos Mártires; «Aritmética», Ulisses Machado; «Gramática», Ulisses Machado; cadernos; cópias, ditado, contas e desenho.

Para Americo Fernandes: Dicionários: «Português»; «Português-Inglês»; «Inglês-Português»; «Leitura Francesa»; Albino Pereira Magno; «Desenho»; Angelo Vidal; «Música»; J. J. Nicolau Júnior; «Geografia»; Vasconcelos e Sá; «Gramática Portuguesa»; Ulisses Machado; «Ciências Naturais»; Figueirinhas. Este livro é para ensino primário superior.

Estão, rígua e esquadrado para desenho.

Para a pequena Catarina Valada Neves Ramos: «Escritação Comercial», Sequeira; «Matemática», 2.º ano, Andreia; Dicionários do povo: «Francês-Português», «Inglês-Português»; «Português-Inglês» e «Método de inglês», 1.º volume, padre Júlio Albino Ferreira.

Correspondendo a este apelo podemos hoje informar os leitores que recebemos os seguintes donativos: dum grupo de manipuladores de pão de Santarém, 5200; do correspondente de *A Batalha* em Leiria, 7300; de José Vivaldo de Fagundes, 350.

Também registámos o oferecimento de dois livros: «Corografia» e «Ciências Naturais» de Figueirinhas o que nos permite associados, federados e confederados, é que os trabalhadores podem pôr côbros a tódas as bandalheiras e tiranias do regime capitalista e estatal.

Aludindo, com funda repulsa, a iniquas deportações, dirige-se para um deputado democrático que se encontra no salão, e exclama: — «Esta é a democracia que nos ofereceremos... Aqui não há monárquicos, republicanos ou comunistas: há escravos e senhores, explorados e exploradores. De um lado, estão os produtores de tódas a riqueza social, do outro, todos aqueles que vivem na mandria e na orgia, criminosa e malbaratando a seiva produtiva do trabalho alheio.

São, pois, duas classes distintas que se repudiam mutuamente: o capitalismo internacional defendendo a actual sociedade repleta de injustiças e monstruosidades, para o que constitui as suas leis, os seus códigos, os seus exércitos e até... a sua Sociedade das Nações; e os trabalhadores de todo o mundo pelejando por um sistema social segundo o qual todo o ser humano válido tenha que trabalhar, para a comunidade inteira, segundo as suas forças e aptidões, para ter direito também a consumir segundo as suas necessidades. E' para a consecução deste regime de reciprocidade produtora, de solidariedade mútua, onde, onde só permitido o homem ser lobo do homem, que o operariado se une nos seus sindicatos, nas suas federações, na sua confederação geral e na Associação Internacional dos Trabalhadores, visto que é de temor nacional e internacionalmente livre.

Correspondendo a este apelo podemos hoje informar os leitores que recebemos os seguintes donativos: dum grupo de manipuladores de pão de Santarém, 5200; do correspondente de *A Batalha* em Leiria, 7300; de José Vivaldo de Fagundes, 350.

Todos os donativos podem ser enviados à administração deste jornal, todos os dias das 10 às 22 horas.

Demonstradas as vantagens da união, como um só homem, dos trabalhadores, Inácio Martins terminou por fazer votos pelo robustecimento da organização operária dos Arcos de Val-de-Vez.

Nota curiosa: os vários vultos políticos que assistiram à reunião, aplaudiram, por vezes, os oradores.

A sessão encerrou-se pelas 16:30 horas, após um breve discurso do presidente.

Foi, inutilmente, uma bela sessão de propaganda revolucionária, para a qual o salão, a pesar de regular, foi insuficiente para tanto concorrência: ela estendeu-se pela escadaria e aglomerou-se em frente do edifício.

A noite, efectuou-se uma assembleia da Associação da Construção Civil dos Arcos de Val-de-Vez, resolvendo, a principiar de Janeiro próximo, ingressar na organização geral, para o que possivelmente se efectuará nessa data uma outra sessão, na qual se fará representar a Federação.

Aproveitando o ensejo, os delegados cidadãos promoveram também em Ponte do Lima, na sede do Grémio dos Operários da Construção Civil, uma outra sessão de propaganda sindicalista, à qual presidiu o camarada José da Silva Magalhães, secretariado por Joaquim Pereira e António Lopes.

João Soares Virgílio, regosijando-se com a regular assistência, saudou, nos delegados da greve de São Pedro do Coval, os mineiros de Aljustrel e Ruhr, salientando também a forma como, no estrangeiro, são tratados os construtores cívicos e os que andam foragidos da vida.

Inácio Martins, que falou durante 2 horas, sempre no meio de grande entusiasmo, terminou por colocar em relevo a missão libertadora da organização operária pela conquista dumha sociedade mais justa e igualitária — sendo muito aplaudido.

José Ribeiro Dias, entre outras considerações, faz um interessante confronto do viver das cidades, onde os trabalhadores já se sabem impôr, e das outras terras, onde a organização continua a seguir o «roncamento» de querer possuir dinheiro em cofre. O resto da sua dissertação é toda consagrada à propaganda associativa moderna, sendo, no final, corado com uma salva de palmas.

A sessão foi encerrada, depois de presidente exaltar as palavras dos delegados da Federação e de apelar para que todos os trabalhadores saibam corresponder às necessidades do momento, já passava das 22 horas.

Os delegados regressaram excellentemente impressionados com a boa jornada de propaganda feita.

PROPAGANDA SINDICAL

Duas sessões importantes em Arcos de Val-de-Vez e em Ponte do Lima

Como nunca a Arcos de Val-de-Vez fôra quisquer militantes operários em missão de propaganda sindicalista, os delegados da Federação da Construção Civil (secção do norte) que para aquela terra partiram a espalhar a sementeira dos sãos princípios de renovação social, foram recebidos festivamente: no ar estrelaram os foguetes quando foi presentada a chegada dos referidos delegados.

O operário dos Arcos de Val-de-Vez tinha alugado um automóvel para ir a Ponte do Lima buscar os delegados.

Como, porém, estes chegaram mais cedo do que se esperava, tiveram de se servir de um *char-a-bancos*.

A Associação da Construção Civil estava lindamente ornamentada com flores, as quais davam um aspecto artístico as paredes da sala sindical.

A sessão, um verdadeiro comício animadamente concorrido, abriu pelas 14 horas.

Próximo a Arcos de Val-de-Vez fôra nomeado delegado operário em missão de propaganda sindicalista, o camarada José da Silva Magalhães, secretariado por Joaquim Pereira e António Lopes.

Os delegados da Federação da Construção Civil (secção do norte) que para aquela terra partiram a espalhar a sementeira dos sãos princípios de renovação social, foram recebidos festivamente: no ar estrelaram os foguetes quando foi presentada a chegada dos referidos delegados.

O operário dos Arcos de Val-de-Vez tinha alugado um automóvel para ir a Ponte do Lima buscar os delegados.

Como, porém, estes chegaram mais cedo do que se esperava, tiveram de se servir de um *char-a-bancos*.

A Associação da Construção Civil estava lindamente ornamentada com flores, as quais davam um aspecto artístico as paredes da sala sindical.

A sessão, um verdadeiro comício animadamente concorrido, abriu pelas 14 horas.

Próximo a Arcos de Val-de-Vez fôra nomeado delegado operário em missão de propaganda sindicalista, o camarada José da Silva Magalhães, secretariado por Joaquim

A BATALHA

A vida e as obras de Pedro Kropotkin descritas por Adrian del Valle

Seu trabalho intelectual

Tendo aceitado franca e decididamente os ideais socialistas anarquistas preconizados pela Federação do Jura, dedicou as suas energias intelectuais a propagá-los e a desenvolvê-los, tratando de encontrar a sua forma própria de expressão, que lhos fizesse mais compreensíveis para as massas e mais resistentes aos rudes golpes da crítica. Foi notável nesse sentido o trabalho que realizou em «La Révolte», por ele fundada, e em folhetos de poucas páginas, durante a sua estada na Suíça. Uma parte daquele trabalho de crítica social foi logo publicado em um livro, com o título «Palavras dum revoltado», cuja primeira edição, em francês, viu a luz em 1885.

Dois anos mais tarde publicou na Inglaterra o seu livro «Nas prisões russas e francesas», no qual trata da influência moral das prisões sobre os indivíduos reclusos.

Fruto das suas observações pessoais na Sibéria, na Rússia e em França, é uma tremenda requisitoria contra a justiça da classe imperante e sistema penal em uso, demonstrando que as prisões, consideradas como remédio contra os actos anti-sociais, são precisamente escolas de crime, destruidoras da vontade e da energia e fomentadoras do vício e de todas as más paixões.

«Le Révolte», fundado em Genebra, seguiu publicando-se em Paris. Soprindo pelo governo, pela sua campanha anti-militarista, transformou-se em «La Révolte», colaborando nela Kropotkin, com assistência, desde Londres. Escreveu uma série de artigos dedicados à parte constitutiva do socialismo anarquista, traçando as linhas gerais da sociedade comunista libertária. Em 1888 publicaram-se os referidos artigos, de forma mais correcta no livro «A conquista do pão».

Noutra série de artigos que escreveu para o «Nineteenth Century» ocupou-se especialmente da produção na nossa sociedade civilizada, defendendo a tese, — contra a ideia corrente entre os próprios elementos socialistas — que sob as presentes condições económicas, a produção não condizia com as necessidades do consumo, estando longe de ser abundante, que o excesso de produção de que tanto se falava era fictício, pois, na realidade, devia-se a que as massas não tinham com que atender o mais indispensável à vida. Sostinha, no entanto, que tanto na indústria como na agricultura, se poderia aumentar consideravelmente a produção até assegurar a abundância para todos. Deu o nome de «Campos, fábricas e oficinas» ao livro em que colecionou os referidos artigos.

Para Kropotkin o anarquismo era muito mais que um meio de ação revolucionária e algo mais que a mera concepção de uma sociedade livre da tutela do governo. Considerava-o como parte integrante de uma filosofia natural e social, despojada de tóda a metafísica a parte que se referia às instituições humanas, nas quais via o resultado da ação das massas, e que, passando por fases diversas, visava a conciliar a maior solidariedade colectiva com a máxima solidariedade individual. Fez uma exposição das suas ideias no seu livro «A Anarquia,

AS GREVES

Chacineiras de Aldeagalega

ALDEAGALEGA, 26.—As chacineiras continuam no seu justo movimento contra a baixa de salários que os industriais pretendem impôr contra todas razões. No domingo voltaram estas operárias a reunir para apreciar a marcha da greve, com a mesma concorrência e entusiasmo que desde o início do seu movimento as operárias vêm mantendo.

Usaram da palavra, os delegados dos Corticeiros da localidade e da C. G. T. sobre a necessidade de as grevistas continuarem na mesma atitude, visto só assim se dignificarem, por este ser o modo de defendem os seus interesses.

As grevistas sempre animosas afirmaram a disposição inabalável de se manterem na luta até que vejam atendidas as suas reivindicações, terminando a sessão com imenso entusiasmo e confiança na vitória.

Um vibrante manifesto da Associação das Chacineiras de Aldeagalega

A Associação de Classe das Operárias Chacineiras de Aldeagalega acaba de lançar a público um vibrante manifesto sobre as causas que originaram a greve que a classe das chacineiras daquela vila há cerca dum mês mantém com galhardia. São déles os peritos que o leitor vai ler:

«Desnecessário seria vir a público expor as razões porque nos encontramos em greve. Essas razões são bem conhecidas: trata-se dum desconto nos nossos salários que ultrapassaria tudo quanto poderia ser razoável — se mais elevados fossem os nossos salários, como, aliás, teria sido de justiça, tendo-se em consideração a soma de esforço que empregamos no nosso trabalho.

Não sucede, porém, assim. Praticamente com as operárias mais uma das grandes injustiças a invariavelmente estavam sugestas. Porque é que se abusa mais das mulheres? Será porque o seu trabalho não tem valor?

O que com as chacineiras se passa, pelo que respeita aos seus patrões, sobe as raízes do inaudito.

Nos compreenderíamos uma redução de salários, se aqueles que auferimos houvessem chegado à medida do que é estritamente necessário para as mais instantes necessidades. Mas tal não sucedia. Um escudo por cada hora era insuficiente e nem mesmo pagava o valor do nosso trabalho.

Seria porque o preço das subsistências baixou? Mas qual de vós adquiriu já as subsistências por preços inferiores?

Os artigos de consumo de outra natureza que baixaram ou são dos que aos operários quase sempre foram inacessíveis ou são aqueles cujo preço subiu depois que os nossos salários foram elevados.

E mesmo neste caso o preço desses artigos, tendo baixado unicamente por não ter sido fácil continuá-las desenfreada especulação, que tão excessivamente tornou a vida insuportável, apenas voltaram a estar numa situação igual àquela em que nos encontrávamos na altura em que os nossos salários chegaram a 1800.

O público verifica, assim, que os industriais procuram, só para si, o duplo benefício que resulta da redução dos nossos salários e do aumento do preço de artigos que vendem e que os consumidores pagam.

Esta é a situação. Mas há mais: nós, por lei e sobretudo por um direito conquistado pela classe trabalhadora, quando trabalhamos horas suplementares, estas horas devem ser-nos pagas dobrar. Pois não sucede assim. A parte do salário que, naqueles condições, nos deveria ser paga, era já embolsada pelos industriais. E eles sempre quereram apenas respeitados os seus interesses exclusivos. Pretendiam que trabalhássemos além do horário? Fazímos-lhes a vontade. Pretendiam que pagássemos ao trabalho ao fim do dia ou já de noite, trabalhando até à madrugada? Fazímos-lhes a vontade. Pretendiam que pagássemos a trabalhar de madrugada, quando o dia estava longe? Fazímos-lhes a vontade. E isto sempre, sempre, sempre! Que lhes importava a nosso depauperamento físico? Tiveram, porventura, em consideração, alguma vez, o sacrifício da nossa saúde ou o aconchego de que careciam os nossos filhos, aconchego de que os privávamos só para atender aos interesses dos patrões?

Ah! E que elas só consideram como carne da sua carne, sangue do seu sangue os seus filhos para os quais devem ter todos os carinhos, sem se recordarem que os nossos também nos são queridos, porque também é o sangue do nosso sangue, a carne da nossa carne, a quem devemos amor e ternura, esses seres que, se não, tiveram culpa de ter nascido, também não devem sofrer com o nosso sofrimento feito de esclarividão.

Nós temos o direito de reclamar o respeito integral pelo horário de trabalho e éste diurno. Não o fizemos. Temos direito ao pagamento do salário a dobrar quando trabalhamos fora do horário. Também o não reclamamos. E agora diga-nos o público imparcial, razoável, justiciero em que é que pode justificar-se a ação tortuosa dos industriais contra nós? Veja-se não chega a ser monstruoso que, depois do que vimos de exportar, e tendo-nos declarado sujeitar-nos a uma redução de 10%, os industriais persistam em reduzir os nossos miseráveis salários em 25%?

Entretanto continuaremos no nosso movimento de resistência — movimento que dura há já quase um mês — isto em nome dos nossos filhos e em nome da nossa dignidade, confiadas na nobreza da nossa sacrosanta causa e no direito que temos à Vida.

Quadro tipográfico de «A Epoca»

Ainda não se encontra solucionado o conflito existente entre a empresa do jornal «A Epoca» e o seu quadro tipográfico que se deu em virtude deste não poder tolerar as imposições do seu chefe Figueiredo. O pessoal continua unido e no firme propósito de não se submeter às ordens daquele indivíduo.

Em virtude de se estar executando parte deste jornal na tipografia da «Gazeta dos Caminhos de Ferro», na rua da Horta Seca, são considerados traidores à classe todos os componentes daquela oficina. O impressor, que também é industrial de profissão, que possui uma tipografia em sua casa, também está ajudando à sua manufatura. Ontem o proprietário daquele estabelecimento, sr.

80 anno cassará a arbitrariedade de se manterem prates durante estes traíus sem culpa formada?

VIDA SINDICAL

Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa

Comissão instaladora

Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão instaladora, para assunto urgente.

COMUNICAÇÕES

Compositores Tipográficos

Reuniu-se anteontem em assembleia geral, para apreciar a proposta da comissão que foi nomeada em assembleia de 29 de Agosto p. p., para tratar de greves gerais e suas anomalias nos quadros dos jornais diários, tendo usado da palavra vários colegas, e depois de se pronunciarem largamente sobre o assunto em discussão, foi aprovada a seguinte moção apresentada pelo colega

DIAS PRÓXIMOS:

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares — Amanhã, pelas 18,30 horas, o Secretariado, para recompilação dos trabalhos do Congresso.

Manipuladores de Pão — Reúne amanhã, para assunto urgente as comissões administrativa e de melhoramentos.

SINDICATOS DA PROVÍNCIA

Sindicato da C. Civil do Seixal — Reuniu este sindicato em assembleia geral tendo-se ocupado de diversos assuntos, entre os quais a tremenda crise de trabalho que atravessa o operariado desta localidade, e, tendo sido apreciada a circular que sobre o assunto foi enviada pela Federação, resolveu secundar o movimento de protesto que a mesma tenciona levar à prática.

Foram nomeados fiscais do horário de trabalho, e resolvido realizar brevemente uma sessão com o fim de se tratar do roteamento do sindicato.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa — Seção de Belém — Reúne hoje, pelas 21 horas, o Secretariado Seccional.

A sair por estes dias a 8.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO PÓVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras páginas do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Este Secretariado aguarda uma resposta para entrevistar o presidente do ministério ainda antes de terminar o seu mandato, sobre assuntos referentes a deportados e presos em várias esquadras.

Ontem este Secretariado, em consequência da prisão arbitrária de três operários que andavam a distribuir os manifestos da Câmara Sindical do Trabalho sobre pressões sociais, avistou-se com o dr. Milheiros, adjunto da Segurança do Estado, após o que foram os três operários restituídos à liberdade, como noutro lugar referimos.

CONSULTAS JURÍDICAS

Quinta-feira, às 21 horas, o dr. Sobral de Campos dará consultas jurídicas a todos os operários confederados que das necessitam, bastando para isso a apresentação da cedulada confederal em dia.

Também, por ser conveniente, o dr. Campos Lima realiza as suas consultas às 2.ª feiras, pelas 21 horas.

Um livro sensacional

Quereis saber o que é o bolchevismo russo como reacção contra o espírito revolucionário?

Lêde o impressionante livro de Archinoff

A HISTÓRIA DO MOVIMENTO MACNOVISTA

em que se descreve com todo o rigor e exactidão a revolução dos camponeses esmagada pelo governo dos sôviéticos.

UM GROSSO VOLUME Esc. 10\$00

A venda em todas as livrarias e na administração de «A Batalha». Desconto aos revendedores.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Construção Civil de Tires e arredores

Reuniu a comissão administrativa da Construção Civil de Tires e arredores para apreciar a crise que lava na indústria, resolvendo comunicar aos operários sem trabalho que se devem, para efeitos de colocação, inscrever no sindicato. A inscrição está aberta às terças, quintas e sábados, das 20 às 22 horas.

Reuniu a assembleia geral no sábado para apreciar a crise e outros assuntos.

Operários do mobiliário

E amanhã que se realiza, pelas 21 horas, a assembleia magna desta classe para se pronunciar sobre a vigilância a exercer em prol das 8 horas de trabalho e contra as empregadas, devendo também ser apresentado o estabelecimento do salário mínimo e adoptadas outras medidas de defesa.

Hoje, à noite, convém que um operário de cada oficina, os desempregados e os que estão a trabalho reduzido, vão à sede buscarem avisos a fim de os distribuirem.

Pessoal da Bólsa Agrícola

A comissão delegada do pessoal convida todo o pessoal contratado e assalariado dos Armazéns Reguladores, Armazéns Gerais e demais repartições, todo o pessoal já desempregado, a reunião quarta feira, pelas 21 horas, na sede da Associação de Classe dos Caixeiros, para dar contas dos seus trabalhos e resolver o mais a fazer em face da forma como pretendem lançar na miséria estes trabalhadores em que se encontram alguns arruinados, e com mais de nove anos de casa, ainda de quando os serviços competiam ao Mercado Agrícola.

Pede-se a comparação de todos por haver assuntos importantes a tratar.

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de «A Batalha» acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 5\$00.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-há um abatimento de 50%.

Pedidos à administração de A BATALHA.

Sociedades de recreio

Calceiros Municipais — Esta sociedade filarmónica, de instrução e recreio avisa todos os sócios que hoje, pelas 21 horas, reúne a assembleia geral extraordinária para eleição de corpos gerentes para os cargos vagos e outros assuntos.

Solidariedade Operária — Reúne hoje o corpo scénico pelas 20 e meia horas.

EXPOSIÇÃO DE CRISANTEMOS

Realiza-se na próxima quinta-feira, no edifício dos Paços do Concelho, uma exposição de crisântemos criados nos viveiros e jardins municipais.

Para os tifosos do hospital do Rêgo

Uma senhora cujo nome occulto, entrou ontem no hospital do Rêgo a quantia de 400\$000, para serem distribuídos em partes iguais, pelos doentes tifosos mais necessitados. O fiscal daquele estabelecimento, sr. Alberto Correia Pinto, distribui ontem aquela quantia conforme o desejo do bondoso anônimo.

Em virtude de se estar executando parte deste jornal na tipografia da «Gazeta dos Caminhos de Ferro», na rua da Horta Seca, são considerados traidores à classe todos os componentes daquela oficina. O impressor, que também é industrial de profissão, que possui uma tipografia em sua casa, também está ajudando à sua manufatura.

Em virtude de se estar executando parte deste jornal na tipografia da «Gazeta dos Caminhos de Ferro», na rua da Horta Seca, são considerados traidores à classe todos os componentes daquela oficina. O impressor, que também é industrial de profissão, que possui uma tipografia em sua casa, também está ajudando à sua manufatura.

Universidade Popular Portuguesa

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, na Universidade Popular Portuguesa, rua particular Almeida e Sousa, à Estrela, uma conferência sobre o tema: «A situação da mulher através dos tempos», por José Carlos de Sousa. Em seguida haverá sessão cinematográfica educativa.

CONVOCAÇÕES

REÚM-SE HOJE:

Federação Mobiliária — Conselho Federal — A's 20,30 horas, com a ordem de trabalho já publicada.

S. U. da Construção Civil — Secção dos Pedreiros — Reúne a assembleia geral para apreciar o relatório da Comissão de

Construção Civil de Tires e arred